

O DISCURSO DA PRÁTICA E A PRÁTICA DO DISCURSO DOCENTE: VIÉSES QUE SE INTERRELACIONAM

Joelson de Sousa Morais

Acadêmico de Pedagogia

Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA

e-mail: joelsonmorais@hotmail.com

RESUMO. Este estudo se volta à prática pedagógica do professor do ensino fundamental, focalizando os discursos que são enunciados nas atividades docentes e como esses se encaminham na perspectiva da educação escolar, referindo-se a influência na aprendizagem dos educandos no processo de ensino. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, que faz parte das reflexões e estudos do pesquisador, que vem sendo desenvolvidos no Trabalho de Conclusão de Curso, na Licenciatura Plena em Pedagogia. Buscou-se referências em Boufleuer (2001), Cunha (2007), Giroux (1997) entre outros. Assim, questiona-se como o professor tem instituído o seu discurso na prática pedagógica em seus espaços de convivências sociais, além da escola, e como tem se alicerçado a prática do discurso, sobretudo, na sala de aula, tendo em vista que são situações diferentes, mas que ao mesmo tempo se complementam, os quais visam efetivar um ensino pautado na excelência da aprendizagem do educando? Diante desse pressuposto levanta-se, enquanto objetivo geral elucidar se o discurso do professor está articulado com a sua prática pedagógica cotidiana, mais especificamente compreender como o professor constrói o seu discurso na prática e os sentidos atribuídos a estes, distinguir o discurso da prática e a prática do discurso e como estes se projetam na educação escolar, bem como refletir sobre as transformações que os discursos do professor podem influenciar no processo ensino-aprendizagem. Evidenciam-se como resultados que os professores proferem discursos de variadas naturezas no âmbito escolar, os quais geram impactos na aprendizagem dos educandos, tanto pelo viés positivo, quanto negativo.

Palavras-chave: Discurso. Currículo. Prática Docente. Ensino Fundamental. Aprendizagem discente.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo vem apresentar desde uma contextualização histórica de como a linguagem vem se constituindo enquanto dimensão comunicativa humana, e necessária à sobrevivência da espécie, até os dias atuais, situando-a no âmbito educacional, quanto ao discurso da prática pedagógica do professor enunciado a partir de sua própria realidade.

As discussões aqui apresentadas não vêm explicitar acerca dos pressupostos linguísticos e sistêmicos do discurso, através dos seus condicionantes sintáxicos numa perspectiva específica, mas sim focalizar os discursos do professor numa dimensão pragmática, considerada mais complexa e relacionada com a sua atuação no processo educativo, na busca da realização de um ensino voltado ao desenvolvimento potencial da aprendizagem dos educandos, e nas diferentes construções conceituals que regem a ação educativa na educação escolar, mediada pela produção de sentidos, consentida e intencional (ou não) através das relações interpessoais comunicativas entre professores e alunos.

Numa outra caracterização, o trabalho possibilitará uma análise acurada de como os discursos docentes tem sido utilizados e para quais propósitos, como forma de refletir criticamente sobre a realidade circundante, articulado com a prática pedagógica. Assim, o discurso da prática configura-se como aqueles enunciados em diferentes esferas sociais, além da escola, podendo ser contrários à ação executada na sala de aula, bem como transmitir fatos irreais e que não estão essencialmente vinculados à prática educativa (muitos revelados fora do âmbito de trabalho, ou em situações em que não é possível estabelecer uma confrontação entre o dito e o feito), enquanto a prática do discurso está relacionada com as ações comunicativas e discursivas em que os professores praticam, tanto, e, sobretudo na sala de aula com os aprendentes, quanto com outras pessoas e situados numa esfera factível.

A pesquisa faz parte das produções e reflexões que estão sendo desenvolvidas em decorrência do Trabalho de Conclusão de Curso, na Licenciatura Plena em Pedagogia. Assim, para se analisar as configurações do discurso da prática pedagógica do professor, recorre-se a como estes se evidenciam no ensino fundamental, uma vez que nesta modalidade de ensino, torna-se uma possibilidade a mais de se perceber como os mesmos repercutem no processo ensino-aprendizagem na educação escolar.

À proporção em que são proferidos os discursos pelo professor, são evidenciadas transformações na educação escolar, quer eles sejam realizados em sala de aula, repercutindo diretamente em transformações nas relações entre professor/aluno, ensino/aprendizagem, entre outros aspectos, quer em outros espaços. Esse devir pode caracterizar-se por uma alteração tanto positiva quanto negativa, dependendo do que, e como forem revelados os discursos durante a sua enunciação.

As produções teóricas acerca dos discursos do professor precisam ser ampliadas, uma vez que se faz pertinente um aprofundamento de conhecimentos que sirvam de suporte para a reflexão e conscientização para os docentes em exercício e em formação.

O trabalho tem como problema questionar-se como o professor tem instituído o seu discurso na prática pedagógica em seus espaços de convivências sociais, além da escola, e como tem se alicerçado a prática do discurso, sobretudo, na sala de aula, tendo em vista que são situações diferentes, mas que ao mesmo tempo se complementam, os quais visam efetivar um ensino pautado na qualidade e excelência da aprendizagem do educando. Diante desse pressuposto levanta-se, enquanto objetivo geral elucidar se o discurso do professor está articulado com a sua prática pedagógica cotidiana, mais especificamente compreender como o professor constrói o seu discurso na prática e os sentidos atribuídos a estes, distinguir o discurso da prática e a prática do discurso e como estes se projetam na educação escolar, bem como refletir sobre as transformações que os discursos do professor podem ocasionar influenciando no processo ensino-aprendizagem.

O artigo está dividido em quatro capítulos, assim organizados: o primeiro com a introdução, apresentando em linhas gerais as justificativas e os propósitos do estudo; o segundo fazendo uma abordagem dos antecedentes históricos da linguagem, situando os discursos da prática docente na educação escolar, de forma a estabelecer nexos que possibilitam uma melhor compreensão das ideias expressas ao longo do texto; o terceiro evidencia especificamente os pressupostos a que se propõe a pesquisa, esclarecendo as dimensões que o discurso se configura na prática pedagógica do professor e suas interfaces com a aprendizagem dos educandos no processo de ensino; e, por último, a conclusão, mostrando os resultados gerados pelo estudo e apresentando alguns encaminhamentos assertivos que servem de subsídios e reflexões ao professor na educação escolar.

2 LINGUAGEM E SOCIABILIDADE: itinerários culturais da humanidade no desenvolvimento do discurso

Os discursos perpassam tempos e momentos históricos diferentes. O que foi pronunciado linguisticamente no século XVI, por exemplo, difere dos contextos com os quais a linguagem é conduzida atualmente, no século XXI, como bem retratada na eloquente obra de Foucault (1999) “As palavras e as coisas”. Essa comparação esclarece como a sociedade vai construindo a sua cultura e moldando-a cada vez mais, segundo os perfis que se compatibilizam com a realidade recente.

A argumentação discursiva se faz presente desde o início da humanidade. Os grandes filósofos da Grécia – principalmente – a utilizavam bastante para disseminar seus valores e conhecimentos sobre a realidade e sobre o cosmo, repassando aos seus sucessores e discípulos condutas a serem utilizadas nos espaços políticos e sociais, de acordo com a tradição cultural que fora deixada pelos antepassados. Aristóteles usava-a através dos princípios éticos e morais, com os quais os indivíduos deveriam seguir, para desenvolver habilidades de um homem virtuoso, em sua convivência na sociedade, seguindo os preceitos lógicos de sua filosofia.

As práticas comunicativas estão presentes desde o nascimento do homem. Este, diferentemente de outros animais, apresenta uma predisposição comunicativa, que ao longo de sua sobrevivência, vai o adaptando ao mundo social, permitindo estabelecer possibilidades de interação com outros seres, por meio da linguagem. Essa confluência, caracterizando-se por sua inserção nos variados grupos sociais com os quais mantêm, determina a natureza do discurso e transforma-se, de acordo com as características mutáveis, em tempos e espaços diferentes, forjadas no padrão socialmente aceitável e dizível.

A linguagem expressa uma representação acerca dos valores vigentes, das mudanças que ora se apresentam em diferentes intensidades e proporções no cenário social, levando os sujeitos a atribuírem um ou vários sentidos a partir do que concebem como correto ou incorreto, bem ou mal, possível ou impossível, colocando sempre os dualismos que encabeçam a produção dos sentidos evidenciados nas vozes e circunstâncias comportamentais dos sujeitos que dela se utilizam. Contudo, relaciona-se com as concepções axiológicas que emanam de cada indivíduo, em suas perspectivas eminentemente singulares, heterogêneas.

A argumentação se fundamenta em fatos e valores pessoais, assumindo no cotidiano das práticas sociais de linguagem as mais variadas formas, os gêneros textuais. Portanto, a linguagem se constitui num suporte fundamental para a construção, e, nesta construção, estão subjacentes mecanismos da própria língua, indicando a sequência argumentativa do enunciado que nem sempre se apresenta da mesma maneira, nem com os mesmos objetivos. (RIBEIRO, 2009, p. 34)

Os discursos, então, professam argumentações que se relacionam com a concepção de mundo do falante. Este traz uma bagagem das experiências que foram e vão paulatinamente construindo-se em meio as oportunidades factuais travadas nos seus diferentes espaços relacionais. Convém mencionar que, especificizando o trabalho docente, os discursos não significam sempre uma naturalização das ações e cotidianidades com os quais os professores estão habituados como que configurados numa dimensão coerente e possível de ser enunciado. Pelo contrário, podem existir as duas facetas, ou seja, um discurso emanado de uma esfera positiva (envolto de fundamentos e práticas que estão em consonância com os ideais e originados da realidade do seu enunciador), contrariamente se faz presente numa dimensão da esfera negativa (proferido sem uma intencionalidade e justificação, perdendo elos de sentido e incompatíveis com o contexto com o qual é pronunciado).

Durante o discurso pode alguém alegar, por exemplo, que o dito não corresponde à realidade dos fatos, ou que o proposto não é correto. Uma vez questionado, o proponente obviamente terá de ter a oportunidade de defender o seu ponto de vista. O discurso argumentativo consiste, portanto, na instauração de um processo de contestação e de defesa de pretensões de validade. (BOUFLEUER, 2001, p. 43).

A atividade comunicativa é rica e constituída de uma imensa variedade de sentidos. Porém há uma diferença em se tratando a atos comunicativos e a discursos. O primeiro diz respeito a situações realizadas entre interlocutores (enunciador/destinatário), de formas intencionais ou não, inclusive envolvem momentos oportunistas, até mesmo por meio de conversas triviais; enquanto o segundo requer uma preparação e sistematicidade que vai além de meras argumentações, visando atingir uma dada realidade, por meio de uma validade da informação repassada discursivamente, ou seja, concordando com Boufleuer (2001, p. 43) “no discurso espera-se que todo enunciante seja capaz de arrolar argumentos em favor de sua pretensão de validade, com os quais possa motivar o assentimento de seus interlocutores”, caso contrário, seu

discurso não terá uma aceitação, e, certamente, perderá a sua legitimidade, caindo em descrença diante dos interlocutores envolvidos na ação discursiva.

A linguagem escrita é o discurso revelado numa materialização concreta e visível, assentada numa organicidade que ganha uma coerência e estética admissíveis, ao alcance de um público, que pode apropriar-se dela num momento posterior, bem como serve de uma utilidade em ocasiões e lugares diferentes, conforme as circunstâncias que seu interlocutor desejar usufruí-la, diferentemente da linguagem argumentativa e dos discursos, que são externalizados a partir de uma realidade, muitas vezes ocasional e imprevisível, e que expressam características que são perceptíveis somente a olho nu, em que o sujeito observador consegue captar minuciosamente detalhes de quem o está proferindo. Assim, torna-se um discurso carregado não somente das palavras enunciadas, mas das variadas linguagens em evidências praticadas pelos sujeitos que a proferem, enriquecendo, sobremaneira, o olhar e a análise dos sujeitos que se apropriam, enquanto observadores no ato da ação discursiva, sendo possível, inclusive, perceber se há fidedignidade no falado ou se se trata apenas de discursos aleatórios e sem conexão com o real, inverídico.

3 O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA ENTRE O DISCURSO DA PRÁTICA E A PRÁTICA DO DISCURSO

Como o discurso está condicionado a gerar mudanças quando é enunciado a outrem, principalmente no terreno educacional, e em ênfase, no papel do professor, faz-se necessário compreender o que é falado como forma de contribuir significativamente nos contextos em que são tomados como reais, caso contrário pode significar uma descaracterização da realidade vivenciada, repercutindo negativamente no desenvolvimento do trabalho pedagógico.

No cotidiano de sala de aula, o professor usa de sua argumentação para trabalhar os conteúdos de ensino, visando o desenvolvimento de sua prática educativa. Nesse perfil, os discursos tendem a produzir conhecimentos satisfatórios e que atendam as necessidades educacionais dos educandos, resultando em aprendizagens significativas, possibilitando transformações na educação escolar.

A vida cotidiana é a objetivação dos valores e conhecimentos do sujeito dentro de uma circunstância. É através dela que se faz concreta a prática pedagógica, no caso do professor. É tentar descobrir como ele vive e percebe as regras do jogo escolar, que idéias vivencia na sua prática e verbaliza no seu discurso e que relações estabelece com os alunos e com a sociedade em que vive. (CUNHA, 2007, p.35).

O discurso da prática revelado pelo professor deve ser pautado numa coerência e relacionado intrinsecamente com as ações que o mesmo pratica no seu dia-a-dia. Esse tipo de discurso é socializado não somente no âmbito da escola, mas em várias instâncias sociais, principalmente porque os professores convivem em diferentes realidades. De acordo com Brandão (2004, p.65) “[...] o discurso se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas, complementares, concorrentes, contraditórias”, cabe a seu pronunciador, estabelecer nexos que situe o seu discurso dentro de um nível possível de ser dito, ou melhor, que se encaixe conforme as regras do jogo apresentadas pelos contextos em que os sujeitos estão envolvidos, uma vez que a compreensão só se estabelecerá se estiver situada na esfera da coerência.

Quanto à prática do discurso no cotidiano da sala de aula dos professores, esta tem se estabelecido com variáveis deturpantes, opondo-se negativamente às práticas facilitadoras da aprendizagem, como deveriam ser concebidas na educação escolar. Por possuírem um cabedal de conhecimentos e preparação mais bem estruturados, e estarem a frente de relações de poder, acabam engendrando seus discursos sem se darem conta das projeções que esse pode trazer em momentos posteriores, pois não fazem como que uma elaboração consentida do dito, e nem ponderam a intensidade com são pronunciados.

A instauração do discurso teórico ou prático requer algumas condições indispensáveis: direitos iguais para argumentar e se defender; ausência de coerção ou de quaisquer tipos de ameaça ou constrangimento, enfim, a existência daquilo que Habermas chama de “uma situação ideal de fala”, em que se impõe tão-somente a força do melhor argumento. Sob essas condições o resultado do discurso apresentar-se-á como entendimento racionalmente motivado. (BOUFLEUER, 2001, p. 44).

Muitos discursos escamoteiam a realidade; negam as alternativas que viabilizam a realização de um ensino significativo, para com a educação escolar. Os educandos, sem terem conta do que estão aprendendo – uma vez que o professor detém a argumentação e conduz o ensino, conforme seus propósitos, seja ele conduzido de forma positiva ou negativa – acabam, como que assujeitados do processo de construção

do conhecimento, uma vez que a escola não consegue trabalhar os aspectos da oralidade do educando, o que, de fato, poderia ser utilizado em prol de seu desenvolvimento potencial na busca da sua emancipação enquanto sujeito partícipe da esfera social, e enquanto cidadão.

É notório salientar que, falar em discurso remete-se a currículo, que envolve relações hegemônicas e políticas, conseqüentemente complexas de serem abrangidas e situadas no campo educacional, porque exige um amplo grau de comprometimento e mesmo de credibilidade por parte dos profissionais da educação, sobretudo, dos professores, em situar o “político no pedagógico e o pedagógico no político” (GIROUX, 1997), questões que caminham para um pensar e fazer que envolve muito mais do que as próprias experiências práticas desencadeadas nos processos relacionais. Explicitando, um pouco mais:

[...] É preciso levar em conta que o discurso pedagógico das últimas décadas esteve muito ligado à neutralidade da ciência e à tentativa de banir o político da instituição escolar. Só nos últimos anos é que tem havido um desvelamento do político no pedagógico. (CUNHA, 2007, p.72).

Na escola, sob o viés do currículo, os professores usam seus discursos não só pautando-se no prescrito, isto é, nos conhecimentos teóricos e didáticos que possuem, e conduzidos pelo sistema de ensino, os quais fazem a aula acontecer, mas baseiam-se no chamado currículo oculto, que são os saberes e informações presentes na/da realidade e que precisam ser abordados na sala de aula, buscando estreitar o mundo da ciência e tornar mais cognoscível aos seus educandos, gerando inteligibilidade que os façam usar os conhecimentos tanto na escola como sabê-los conduzir nos usos e funções na sociedade.

No ensino fundamental, os professores deixam passar despercebidos os momentos que são produtivos e que podem se tornar numa ferramenta valiosa para o alcance do aluno de êxitos na aprendizagem escolar, inculcando-lhes falácias, que desvirtuam o trabalho pedagógico, agindo sem precedentes para conter situações que fogem de seus limites (quando estas acontecem) e que não encontram alternativas racionais e viáveis de serem empreendidas no momento de suas ações. Recorrem ao discurso para menosprezar ou diminuir o aluno, como forma de controlar o seu comportamento e continuar realizando suas atividades na sala de aula.

Diante desse exposto, é contundente enfatizar que:

[...] O discurso [...] é tanto constituinte quanto produto do poder. Ele funciona para produzir e legitimar configurações de tempo, espaço e narrativa que posicionam os professores de maneira a privilegiar versões particulares de ideologia, comportamento e representação da vida cotidiana. (GIROUX, 1997, p.125).

A procedência da natureza do discurso que os professores revelam em suas falas, nesse sentido, vem das inúmeras experiências que se avolumam em sua trajetória que engloba suas vivências antes mesmo de escolher a profissão, passando pela formação inicial e ganhando maiores dimensões durante a formação continuada, o exercício profissional, e até mesmo levando em consideração a sua vida pessoal.

Assim “[...] o caráter contraditório do discurso pedagógico que atualmente define a natureza da atividade docente, a vida escolar cotidiana e a finalidade da escolarização pode ser submetido a um questionamento mais radical” (GIROUX, 1997, p.196).

Portanto, se faz premente uma resignificação daquilo que se fala. Justificativas como a desvalorização profissional, as péssimas condições de trabalho, o nível cultural dos alunos, os obstáculos relacionais, as questões pessoais e outras, não podem ceder lugar aos discursos inócuos e que somente atrapalham o desenvolvimento de uma prática pedagógica decente e eficaz na educação escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que a promoção de uma educação de qualidade aconteça, é preciso que todos cumpram o seu papel. E não é somente por meio da execução de atividades e ações nos âmbitos de trabalho nas instituições de ensino, pelo trabalho do professor, do diretor e dos demais agentes atuantes, mas vai muito mais além. Requer a participação de cima para baixo, de uma forma efetiva no falar e fazer das políticas públicas de educação, que venham a se consolidar na realidade de professores e educadores, de modo geral, como também de baixo para cima numa perspectiva dialética que enseja a mudança e inovação de acordo com o contexto e as necessidades em que enfrentam os atores que fazem o ensino acontecer, nos segmentos educacionais da sociedade, sem depender da morosidade e processos burocráticos que tornam a educação de qualidade ainda uma utopia a se realizar no cotidiano da escola pública brasileira.

Os discursos que povoam os espaços educacionais proferidos pelos professores avançam em igual medida, na luta por essa educação que todos almejam, ultrapassando fronteiras, e repercutindo substancialmente na vida dos seus pares e educandos, mais essencialmente envolvidos no processo de ensino. Estes discursos não podem ser enunciados a partir de uma deflagração da realidade, estabelecendo fatos irreais e que nada contribuem para a transformação social. Pelo contrário, devem ser permeados de coerências que promovam aprendizagens significativas, possibilitando ao educando o usufruto dos seus direitos e deveres, que convergem para o exercício da cidadania.

Os resultados apontaram ainda em uma proporção indesejável, o que acontece na prática pedagógica dos professores relacionada aos discursos, isto é, que seus discursos ganham um viés negativo, alterando o sentido de educar na escola; são discursos que desmotivam seus educandos e que não fazem com que os mesmos busquem razões para aprender, uma vez que são abarcados por um universo discursivo com dimensões conflitantes e improcedentes à sua realidade.

O desafio posto é o de construir uma educação mais consistente, essencial para o desenvolvimento da sociedade. Os professores como tais devem aproximar seus discursos dos seus contextos de atuação, usando-os de forma a beneficiar os educandos com os saberes e conhecimentos que são pertinentes ao seu crescimento, e que fazem toda uma diferença em sua cultura pessoal.

Os discursos docentes devem estar assentados articuladamente às práticas vivenciadas pelos professores e educadores; devem perfazer um trajeto conduzido por expectativas e proposições exitosas. Daí a necessidade de um trabalho pedagógico consciente e que permita alcançar uma plenitude por meio da utilização de discursos e ações comunicativas frutíferas despertando no educando a razão de ser e de aprender por meio dessas atividades.

A proposta deste trabalho é fazer com que sirva de reflexão aos profissionais de educação de diversos âmbitos e modalidades de ensino, sobretudo aos professores do ensino fundamental, por vivenciarem uma heterogeneidade de situações e comportamentos na escola pública.

Espera-se ainda, que este estudo, possa contribuir para o enriquecimento teórico acerca dos discursos na prática pedagógica do professor, como forma de ampliar os fundamentos subjacentes às ações docentes, tendo em vista que engloba uma série de questões e práticas, além das práticas discursivas aqui expressas.

REFERÊNCIAS

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da ação comunicativa**: uma leitura de Habermas. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CUNHA, Maria Izabel. **O bom professor e sua prática**. 19. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. tradução Salma Tanus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RIBEIRO, Roziane Marinho. **A construção da argumentação oral em contexto de ensino**. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção linguagem & linguística).

GIROUX, Henri A. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artmed, 1997.